

**Dois modos de ver o mundo:
a cronística luso-brasileira e Emmanuel Lévinas**

**Two ways of seeing the world : Luso-Brazilian chronicles
and Emmanuel Lévinas**

*Maria Laura Bettencourt Pires**

**Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Portugal
(CECC/UCP)*

Resumo: Ao ler a cronística luso-brasileira, ficamos com uma visão do ideário da época e da noção de superioridade que prevalecia entre os colonizadores. Neste artigo, discorre-se sobre o que podemos aprender com a leitura das obras de Emmanuel Lévinas e com a sua teoria da alteridade, a propósito da construção do conhecimento, da aquisição de competência cultural e da aplicação da sua conceptualização do "Outro" à educação, ao ensino de línguas, tanto maternas como estrangeiras, e à acção social. Apresentam-se também perspectivas e reflexões que, de uma forma problematizadora, se referem às críticas pós-colonialistas inerentes à visão levinasiana do "Outro".

Palavras-chave: Lévinas. Alteridade. Mundividência.

Abstract: When reading the Luso-Brazilian chronicles, we get a view of the set of ideas of the time and the notion of superiority that prevailed among the colonists. In this article, it is talked about what we can learn from reading the works of Emmanuel Lévinas and his theory of otherness, concerning the construction of knowledge, the acquisition of cultural competence and the implementation of its conceptualisation of the "Other" on education, language teaching, both maternal and foreign, and social action. The article also presents perspectives and reflections that, in a problematical form, refer to the post-colonialist criticism inherent in Levinasian view of the "Other".

Keywords: Levinas. Otherness. World view.

Introdução

Quando escrevi este artigo, resultado de reflexões compartilhadas no IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, hesitei entre os títulos "Uma leitura da Cronística à luz de Lévinas", "Dois modos de ver o mundo: a Cronística Luso-Brasileira e Emmanuel Lévinas" e "O mundo visto pela Cronística Luso-Brasileira e por Lévinas". Porém, posteriormente, ao verificar que a audiência prevista para a palestra iria ser constituída sobretudo por professores brasileiros e que a maioria das comunicações deste Simpósio foca justamente os relatos referentes ao descobrimento do Brasil – nos quais é patente o orgulho hegemônico dos colonizadores, conscientes da sua superioridade cultural e religiosa baseada no logocentrismo europeu – decidi que, em vez de fazer comparações entre duas mundividências, seria preferível considerar as menções à cronística como um dado adquirido e ter como objectivo principal uma análise do modo de ver o mundo de Emmanuel Lévinas considerado como contraponto ao dos relatos dos descobridores, viajantes e colonizadores. Pareceu-me que este tipo de reflexão era particularmente necessário e proveitoso na nossa época tão marcada pelo ódio ou pela indiferença para com "o outro homem". Creio também que a aplicação do pensamento de Lévinas para tratar do tema se identificava com a concepção desse simpósio, que teve como palavra-chave o *diálogo* entre as diferentes disciplinas e a variedade de discursos.

Proponho-me, por isso, apresentar uma perspectiva e uma reflexão teórica diferentes sobre o tema central do artigo que, de uma forma problematizadora, se refere às críticas pós-colonialistas inerentes à visão de o "Outro".

Na cronística luso-brasileira verifica-se como, através da literatura e da história, temos uma visão da mundividência da época, do papel da cultura e da noção de superioridade dos colonizadores na construção da desigualdade social dos colonizados. A partir destas noções iniciais, na segunda parte deste trabalho, pretende-se discorrer sobre o que podemos aprender a partir da leitura das obras do filósofo francês Emmanuel Lévinas (1906-1995) e da reflexão sobre a sua teoria da alteridade, a propósito da construção do conhecimento e da aquisição de competência cultural e da consequente aplicação da sua conceptualização do "Outro" à educação, ao ensino de línguas, tanto maternas como estrangeiras, e à acção social, que são temas de interesse da comunidade académica luso-brasileira. Com esse objectivo, será apresentada uma panorâmica teórica dos conceitos-chave de Lévinas, como a sua conceptualização de "Alteridade", e uma breve análise das suas posições epistemológicas e éticas, concluindo com uma sucinta referência às suas potenciais aplicações teóricas e práticas ao mundo da educação, com especial relevo para a formação de professores e dos seus estudantes.

Este artigo está organizado em quatro secções. Na primeira, refere-se ao tema “Língua Portuguesa: ultrapassando fronteiras, unindo culturas”, proposto no Simpósio, em que se integra e justifica-se a escolha do pensamento teórico de Emmanuel Lévinas como contraponto à cronística luso-brasileira, como anteriormente mencionado. Na segunda, são feitas referências biográficas e bibliográficas ao autor escolhido, à influência que a sua teoria da alteridade e o seu modo de ver o mundo tiveram na evolução do pensamento contemporâneo. Na terceira, mencionam-se as implicações práticas que o estudo da conceptualização do "Outro" concebida por este pensador pode ter no mundo da educação. Na quarta, e ao longo da comunicação, ir-nos-emos referindo a temas centrais da obra de Lévinas, tais como a Ética, o Outro e a Face.

1. Referências biográficas

Emmanuel Lévinas (1906-1995) nasceu na Lituânia de ascendência judia. Estudou na Lituânia e na Rússia e depois formou-se em Filosofia em Strassbourg (1923-1930). Em Freiburg (1928-1929), estudou com Husserl e Heidegger. Viveu em França, tendo-se naturalizado Francês em 1930, e foi Director da Escola Normal israelita oriental, Professor de Filosofia nas Universidades de Poitiers (1964), de Paris-Nanterre (1967) e Sorbonne (1973). Segundo ele, chegou ao estudo da filosofia através da literatura. Distingue-se por ser um dos mais relevantes pensadores da sua época e, embora em vida fosse mal compreendido e negligenciado, actualmente é considerado uma das figuras mais carismáticas do pensamento europeu do século XX.

Ao longo de seis décadas, produziu uma abundante obra na qual desenvolveu a sua filosofia da ética e do "Outro" e, entre 1982 e 1992, no final de uma brilhante carreira de 60 anos, Lévinas deu inúmeras entrevistas que concorreram para tornar o seu nome e obra mais conhecidos.

2. Teoria

Para Lévinas, a primeira filosofia não é a lógica tradicional nem a metafísica. É uma descrição fenomenológica do encontro face-a-face ou da relação intersubjectiva, que ocorre ao sermos chamados pelo outro e ao responder-lhe. Segundo ele, nenhum acontecimento é tão perturbador de um ponto de vista afectivo para uma consciência que controla o seu universo como encontrar outro ser humano. No fundo, ele propõe uma

hermenêutica da experiência vivida no mundo. No centro do pensamento de Lévinas (i.e., nas obras de 1961 e 1974) estão justamente as descrições do encontro com outra pessoa. Essa reunião tem uma característica particular: o outro tem um impacto em mim diferente de qualquer objecto ou força deste mundo. Posso constituir essa pessoa cognitivamente, na base da visão, como um *alter ego*. Posso fazer com que outro ser humano seja "como eu", aja como eu e pareça ser dono da sua vida consciente.

Lévinas começou a sua carreira intelectual nos anos 20 do século passado e desenvolveu uma ética pós-racionalista original e abrangente da responsabilidade social. O seu "amor da sabedoria" é inspirado na "sabedoria do amor" bíblica e talmúdica, um conceito, que, segundo ele, deve estar presente na sabedoria que se procura atingir através da filosofia. Esse amor da sabedoria é para Lévinas a "sabedoria do amor ao serviço do amor" (LÉVINAS, 1974, p. 207). Fala-nos da "Filosofia como amor do amor. Sabedoria que ensina o rosto do outro homem!" (LÉVINAS, 1961, p. IV) . O seu modo de pensar e a sua mundividência parte de um universo que nos é familiar (quaisquer que sejam as terras ainda desconhecidas, como era o Brasil para os Portugueses), de um *chez soi*, para um *hors de soi* (fora de si), que nos é estranho, em direcção a "um lá além" (o algures) até chegar ao Outro (o estrangeiro, o estranho) e tende para *uma coisa absolutamente outra*, para o *absolutamente outro*¹. Assume assim uma posição ética distinta baseada no respeito e na responsabilidade pelo Outro.

3. Conceito de "O Outro"

A obra de Lévinas baseia-se na ética do Outro, ou segundo ele, na ética como primeira filosofia (1984). Para este pensador, o Outro não é susceptível de ser conhecido e não o podemos tornar num objecto do sujeito, tal como acontece na metafísica tradicional (que Lévinas designa como "ontologia"). A sua *alteridade* não deve ser absorvida na minha identidade de pensante e de possuidor, como acontecia nos relatos da cronística. Desde o início, Lévinas rejeitou a unidade eleática do ser, dirigindo-se à alteridade infinita e irredutível do Outro. Esta sua corajosa ruptura com Parménides (1996, p. 42) permitiu-lhe definir a ética como a "primeira filosofia" que privilegia a pluralidade, a exterioridade e a alteridade sobre a unidade, a interioridade e a ontologia. Para Lévinas, o que interessa primeiro não são as questões sobre o ser mas sim sobre as relações com os outros. São estas questões que o levam a afirmar que teme mais a injustiça do que a morte, e que prefere sofrer injustiças do que cometê-las. Consequentemente, afirma que devemos ter uma

¹ "A metafísica surge e mantém-se neste álbi. Ela está virada para o 'algures' e para o 'diferentemente' e para 'o outro'". (LÉVINAS, 1961, p. 21-22).

relação com o Outro e não o reduzir ao mesmo. Fala-nos da audaciosa e inspirada extravagância do *diferentemente do ser* [*autrement qu'être*] ou do *outro*, o *absolutamente outro*, o reinventar, reinventando não só o mundo, como *tudo* quanto é do mundo – a partir de um além insondável.

Desde 1980 que os estudiosos têm prestado grande atenção à filosofia ética de o "Outro" de Lévinas. Em *Humanisme de l'autre homme* (1987), Emmanuel Lévinas afirma não apenas que é possível mas que é de extrema necessidade que compreendamos a nossa humanidade através da humanidade dos Outros. Declara também que ser verdadeiramente humano é permitir ao outro ser outro.

A experiência de deixar "l'autre" ou "autrui", como Lévinas o designa, ser outro pode ser desconfortável porque implica não saber e não ter poder sobre as pessoas. Trata-se, porém, do reconhecimento de uma verdade profunda que tem estado sempre presente pois nunca tivemos qualquer poder sobre alguém. A nossa liberdade resulta de mostrarmos compaixão e de deixarmos os outros serem eles próprios e não aquilo que nós decidimos que eles sejam.

Segundo Maurice Blanchot (1969, p. 73-74), Lévinas põe em causa as nossas maneiras de pensar e torna-nos responsáveis por acolher, em todo o esplendor e infinito que lhe são próprios, precisamente a ideia do Outro, ou seja a relação com outrem. Segundo a noção igualitária de alteridade levinasiana "o outro" paradigmático é o outro ser humano e todos são iguais.

Quando encontramos um estrangeiro, cujos modos e motivos são estranhos para nós, (tal como sucedeu aos autores da cronística luso-brasileira) sabemos agora que é o medo que nos faz pensar que esse estrangeiro é um objecto que deve ser evitado ou controlado. Por outro lado, é a compaixão que nos permite vê-lo como um ser humano, com pensamentos e motivações como os nossos. Lévinas afirma que a humanidade do humano não se descobre através da matemática, da metafísica racional ou da introspecção. Encontra-se no reconhecimento de que a outra pessoa vem primeiro e de que o sofrimento e a mortalidade dos outros são as obrigações e a moralidade de minha identidade. Declara mesmo que a tradicional procura filosófica do conhecimento é secundária em relação ao dever ético básico para com o outro.

4. Ética

No pensamento de Lévinas, a ética já não está subordinada nem é identificada com a moralidade, como sucede no sistema de Kant. Em vez disso, torna-se aquilo que

Aristóteles designava como "prima filosofia", tomando o lugar tanto da metafísica clássica como da moderna ontologia. Para ele, a ética, para além da visão e da certeza, delinea a estrutura da exterioridade. É um saber de bem-fazer, um repensar da humanidade, um vulnerável avizinhamo do próximo num movimento ou orientação para o outro absoluto.

5. A Face

Outro dos temas fulcrais do pensamento levinasiano é o conceito de Face. Na sua obra *Altérité et transcendance* (1995) apresenta uma ética primordial da responsabilidade baseada no rosto do outro homem. Quando considera o encontro "face-a-face", pensa que a face humana é o lócus da transcendência. O desenvolvimento conceptual do papel do rosto do outro na ética de Lévinas põe em questão o meu ser. Na cara do *outro*, na nudez, tão imperativa quanto desarmada, do *rosto do outro homem*, vemos um apelo incisivo e obsessivo ou uma injunção imperativa que se revelam na sua face não como fachada mas como enigma e expressão de um além que se revela. Em "La Philosophie et la mort", Lévinas diz-nos: "Je me suis demandé, vous le savez peut-être, ce que signifie le visage de l'autre homme" (1995, p. 84).

A este propósito é de referir que, em 1933, quando Lévinas escreveu as "Reflexões sobre a Filosofia do Hitlerismo" (1997), o seu mundo colidiu como o do famoso artista suíço Alberto Giacometti (1901-1966), que há muito estava obcecado com a dificuldade que encontrava em produzir no concreto e na sua emocionante materialidade, uma escultura que nos transmitisse todo o significado de uma face humana, tal como ele próprio confessava. Foi por isso que, após ter produzido uma série de cabeças futuristas e deformadas – nas quais as faces foram sendo progressivamente simplificadas e reduzidas a uma indicação de um movimento material – esculpiu o seu famoso "Cubo" que tem sido estudado por intérpretes de renome como Didi-Huberman (1993) e que evocam a passagem de um intuito objectivo em que uma das suas treze faces que está virada para o chão está cega para uma metaforização subjectiva do valor da cegueira. Esta escultura foi feita após a morte do pai e corresponde a um gesto de luto. Surgiu após uma série de tentativas e experiências em pedra e o enigmático "Cubo" foi uma das raras obras que Giacometti permitiu que fosse permanentemente fundido em bronze, embora reconhecesse que não era realmente nem um cubo, nem um objecto surrealista, nem um exercício constructivista. Não tendo cara, representava a mais rarefeita e requintada das suas cabeças abstractas. Resultava, sobretudo, da luta do artista para construir adequadamente (destruindo, a fim de proteger), numa forma multidimensional, o rosto humano – como evento, memória e como uma presença transitória mas repetida.

Por seu lado, Lévinas, como já referido, via o rosto como um ponto de origem de diálogo e, por extensão, de um discurso que não estava interessado em identificar o outro *per se*, mas sim em sentir com esse outro de tal forma que, quando estamos "face-a-face" com ele, somos infinitamente responsáveis por ele. Nesta relação ética básica, sou responsável pelo outro sem ter qualquer direito a que o outro tenha a mesma responsabilidade por mim. Esta assimetria está presente na ética de respeito e responsabilidade pelo Outro que Lévinas defende, segundo a qual o rosto humano nos ordena que sirvamos e demos ao Outro. Em *Humanisme de l'autre homme*, Emmanuel Lévinas afirma não apenas que é possível mas que é de extrema necessidade que compreendamos a nossa humanidade através da humanidade dos Outros.

6. Influência

Devido ao seu modo de pensar radicalmente novo e diferente, a partir de 1950, Emmanuel Lévinas surge como um dos mais importantes teóricos no círculo dos intelectuais franceses e, desde o final dos anos de 1960, que tem vindo a ser publicado um número extraordinário de estudos sobre o seu pensamento. A influência da sua obra é profunda e de grande alcance, sendo reconhecida por figuras tão marcantes e diversas como Jean-Paul Sartre, Jacques Derrida e Enrique Dussel e tem sido evidente em disciplinas, como ética, filosofia da religião, estudos culturais e literários e sociologia. Derrida (1997, p. 14-15), na sua sentida e comovente despedida, intitulada *Adieu*, afirma mesmo que Lévinas terá mudado o curso da reflexão filosófica do nosso tempo.

Actualmente, naquilo que se poderia caracterizar como filosofia "pós-levinasiana", atribui-se grande ênfase ao problema da alteridade, de tal modo que o tema de "o outro" se tornou numa questão preeminente na filosofia.

7. Aplicação à área da educação

Devido ao facto de haver uma sensibilidade por parte de setores da educação de ter como concepção básica congregar estudiosos e professores da educação básica e do ensino superior, que devem estar conscientes da importância do aspecto humanizador na formação, tem decerto interesse considerar a aplicação das teorias de Lévinas à área da educação pois elas contribuem para o desenvolvimento da ética e da formação intelectual dos educandos. Podem também concorrer para ampliar a competência comunicativa dos alunos levando-os

a considerar que a língua portuguesa se constitui em espaços culturais em que as teorias pós-coloniais proporcionaram novos modelos interpretativos da realidade dos países colonizados.

Neste âmbito, começaremos por considerar o conceito de cultura, que tem sido objecto de tantos debates teóricos e políticos, e por afirmar, com Benhabib (2002)², que estão ultrapassadas as noções essencialistas e holísticas da "cultura" (que dominavam a cronística luso-brasileira) visto que "as culturas" correspondem a uma constante mudança dos territórios imaginários que se encontram nos diálogos em curso e, conseqüentemente, devemos respeitar todos os indivíduos de culturas, etnias, religiões e classes sociais diferentes. Podemos assim, aplicando a teoria do "Outro" de Lévinas (1987) reconhecer e afirmar o valor da diversidade cultural dos indivíduos ou comunidades, protegendo e preservando a dignidade de cada um.

Por outro lado, a noção de aquisição de competência cultural tem sido considerada positiva por impedir que se julguem todos por um único padrão de comportamento e também neste campo se trata de uma perspectiva inerente ao pensamento inovador de Lévinas. Resulta, justamente, da capacidade de compreender, comunicar e interagir eficazmente com "os outros" através das diferentes culturas e depende, portanto, da nossa proficiência para lidar com as diferenças e da nossa compreensão das relações entre o "eu" e o "Outro".

Conclusão

Como conclusão, e sabendo que é necessário congregarmos pesquisas que apresentem reflexões teóricas ou análises empíricas que, sob perspectivas críticas de-colonialistas e/ou pós-colonialistas, abordem os problemas do nosso tempo e sendo inegável que uma das maiores iniquidades no mundo contemporâneo é aquela que exclui uma parcela considerável de seres humanos devido a serem diferentes, parece que Lévinas é, sem dúvida, um dos pensadores sobre cuja obra devemos reflectir. A leitura dessa obra ensina-nos que devemos dizer adeus ao mundo ditado pelo "outro" visto como *alter-ego*, como acontecia na era de escrita da cronística luso-brasileira, onde temos repositórios da visão do outro por parte dos povos e línguas em contacto. A voz de Lévinas reeduca o nosso ouvido para a escuta do outro antes, para além e diferentemente do ser e, através dessa escuta, para

² Nesta obra, Benhabib, seguindo as pisadas de Lévinas, apresenta a abordagem de que se deve desenvolver uma compreensão das culturas considerando que estão continuamente a recriar-se e a renegociar as fronteiras imaginadas entre "nós" e "eles".

ouvirmos o próprio *humano*, que é perscrutado ao longo da imensa obra de Lévinas, que nos incita a repensar "nobrememente o humano no homem" (1987, p. 96). Ao fazer a pergunta "O que ele é o homem?" ou, melhor e mais justamente, "*Quem é ele?*", segundo Lévinas, devemos começar por responder ao apelo imperativo, obsessivo, anárquico e infinito do *outro* dizendo: "Sim, eis-me aqui". Pois, tal como é tão frequentemente citado, para Lévinas (1987), o outro é antes de mais o estrangeiro, a viúva, o órfão, isto é, aqueles que clamam por nós a pedir ajuda.

Deste modo, ao contrário do modo de ver o mundo da época da escrita dos relatos da Cronística, a não diferenciação entre "Eu" e "Outro" é transportada para a criação de uma identidade colectiva, mutuamente dependente da inexistência das identidades individuais dos seus membros e subsumindo os interesses do "Eu" às imposições interiorizadas da comunidade, estabelecendo uma relação entre as chamadas culturas da margem e as do centro, tal como devemos ensinar aos nossos estudantes.

Por outro lado, visto que, nesse contexto, se pretende também relacionar diferentes olhares e são esperadas contribuições que abordem as questões sob diferentes ângulos, parece que ouvir a voz de Lévinas – apesar da ambiguidade inscrita nos conceitos a que nos referimos – nos pode ajudar a rejeitar o pessimismo cultural que invade o nosso mundo, um pessimismo histórico e antropológico, que contraria o espírito optimista do Iluminismo, e a mundividência depressiva³ que afirma que o nosso mundo global se irá afundar no "choque de civilizações", de que nos fala Huntington (2011), e nas guerras das culturas, contribuindo para restaurar a nossa fé na necessidade humana de relatar sob a forma de narrativas as experiências históricas e culturais do "eu" e do "outro", como aprendemos com Emmanuel Lévinas.

Referências

BENHABIB, Sheyla. *The Claims of Culture: Equality and Diversity in the Global Era*. New Jersey: Princeton University Press, 2002.

BLANCHOT, Maurice. *Connaissance de l'inconnu, L'entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969.

DERRIDA, Jacques. *Adieu à Emmanuel Lévinas*. Paris: Galilée, 1997.

³ Ver sobre este assunto Slavoj Žižek (1989, p. 48) e Richard Sennett (1977, p. 268).

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Le Cube et le visage. Autour d'une sculpture d'Alberto Giacometti*. Paris: Macula, 1993.

HUNTINGTON, Samuel. *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. New York: Simon & Schuster, 2011.

LÉVINAS, Emmanuel. *Totalité et Infini: essai sur l'extériorité*. La Haye: M. Nijhoff, 1961.

_____. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. Paris: Kluwer Academic, 1974.

_____. *Ethique et infini*. Paris: Biblio Essais, 1984.

_____. *Humanisme de l'autre homme*. Gauteng: LGF, 1987.

_____. *Altérité et transcendance*. Montpellier: Fata Morgana, 1995.

_____. *Transcendance et intelligibilité*. Paris: Labor et Fides, 1996.

_____. *Quelques réflexions sur la philosophie du l'hitlérisme*. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1997.

SENNETT, Richard. *The Fall of Public Man on the Social Psychology of Capitalism*. London: Penguin, 1977.

ŽIŽEK, Slavoj. *The Sublime Object of Ideology*. London: Verso, 1989.

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES

Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Portugal.
E-mail: laurapir@fch.lisboa.ucp.pt.